

Wenceslau de Queiroz

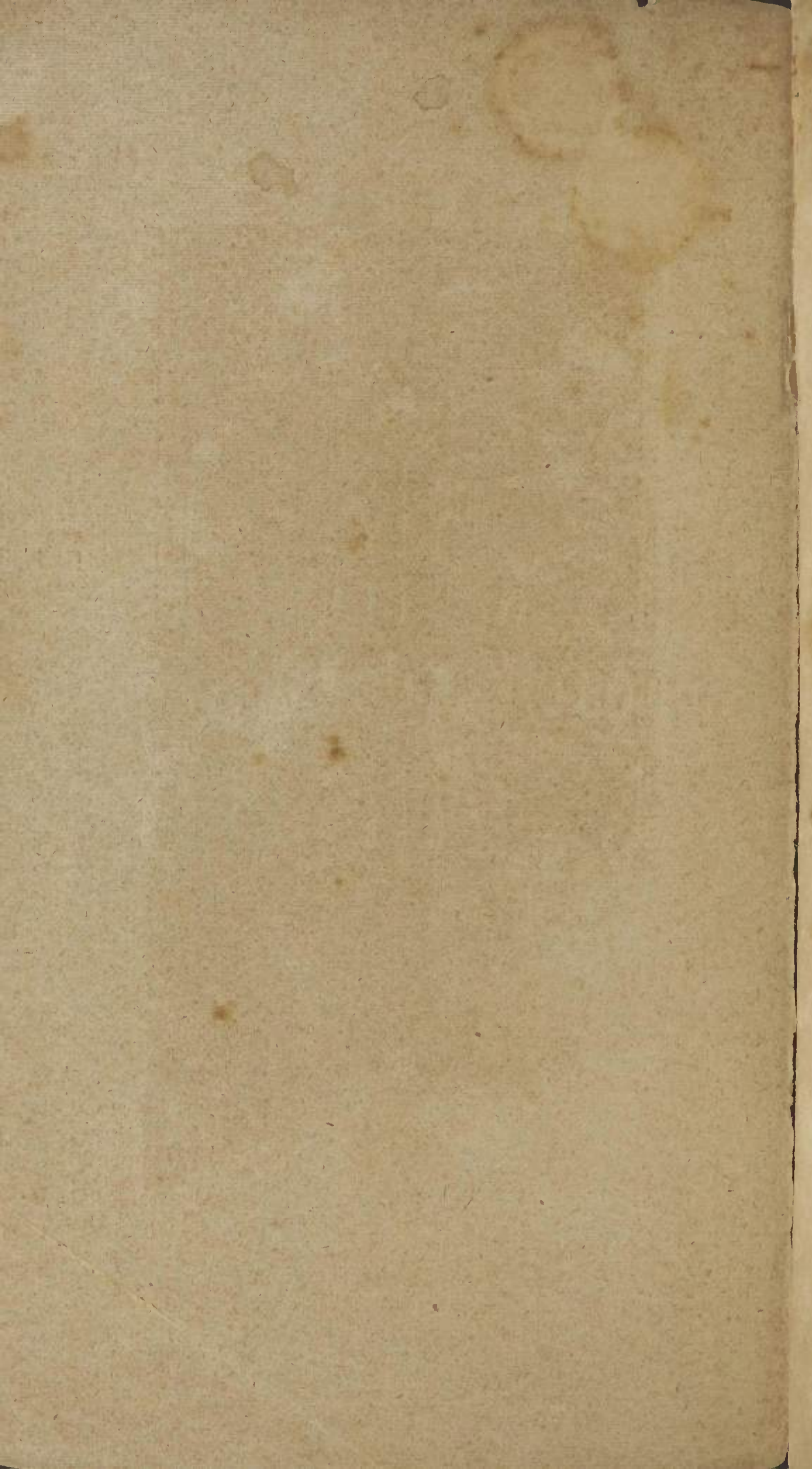


Sob os olhos de Deus



POEMETO

Editores
ANDRADE & MELLO
S. Paulo, 1901



V/5/12

Sob os olhos de Deus!

(POEMETO)

«Gracias!» nos dicen los afligidos,
«Gracias!» murmuran los desvalidos,
Los infelices, gracias nos dan,
Vuestros esfuerzos están cumplidos ;
Dais á los pobres vestido e pan.

(Juan de Dios Perez)

Donnez ! afin qu'on dise : «Il a pitié de nous !»
Afin que l'indigent que glacent les tempêtes,
Que le pauvre qui souffre à coté de vos fêtes,
Au seuil de vos palais fixe un œil moins jaloux...

(Victor Hugo)

I

Vós que gosaes, Felizes deste mundo!
Em cima, ao alto, nos torreões erguidos
Dos castellos da vida, embevecidos
Na musica estellar do Ouro fecundo,

Mal podeis escutar, do abysmo ao fundo,
A torrente de anceios e gemidos
Que rompe da garganta dos Vencidos,
Espiralando para o céo profundo...

Nem ver podeis o bando supplicante
Dos que engeita o Destino, instante a instante,
—Orphãos do Amôr!—no seio da Desgraça...

Ah! mas, por Deus! abri vossas janellas
Para a torvada noite sem estrellas
Dessa Miseria que, ullulando, passa...

II

Eil-os! Trazem na face a tez queimada
Pelo simoun de uma Africa de dores,
—Bohemios expulsos de uma patria amada,
Feridos de nostalgicos amores...

Perpassam-lhes nos olhos sonhadores
Mil quadros d'oiro, mil visões de fada,
Mas, entre tantos ideaes fulgores,
Vibra do Diabo a rispida risada...

E' que a Fome os espreita a cada passo,
Como um jaguar famelico e sedento,
Para os prender nas suas garras d'aço...

E elles vão caminhando, lento e lento,
Mas crendo ainda assim que um Deus, no espaço,
Existe atraz do azul do firmamento...

III

Eil-os que vão, beirando precipícios,
Ouvindo as litanias do nordeste,
No corpo inerme—a esfarrapada veste,
Na alma convulsa—a flôr mortal dos vícios...

Sob o luar de estranhos sacrificios,
Embora uma esperança não lhes reste,
Ah! resistem alguns quando os investe
A alcatéa de todos os flagícios...

Outros, porém, que desde tenra idade
Se amamentaram, tristes, na orphandade,
Com o leite amargoso da Miséria,

Vão ter aos calabouços, já sem norte,
Até que encontram paz—presos da Morte!—
Nos sete palmos da mansão funerea...

IV

A Morte para elles é um resgate,
Porque os livra da Dôr que os punge em vida,
Como frio e agudissimo acicate
Que faz andar a besta esmorecida...

Não mais os colhe a Fome nem abate
Nas unguas crueis: já têm guarida...
No termo do miserrimo combate
Conquistam sempre a palma merecida...

Seu epitaphio sobre a cova rasa
Não passa de uma cruz como pedindo
Para os que estão alli na immunda vasa,

Entre os ascosos vermes e as raizes,
Um abrigo no céu de azul tão lindo,
Já que na terra foram infelizes...

V

Óresos da Terra! Ah! muita vez, enquanto
Nos paços babilonicos em festa,
Entre luzes e flores, sôa o canto
Que vos desannuvia a fronte mésta,

Na lama dessas ruas corre o pranto
Dos mendigos sem pão, a quem só resta
Por tecto—o céu que fitam com espanto,
Desamparados na miseria infesta...

Emquanto os léstos escanções o vinho
Vos dão á mesa do festim, que esplende
Nas copas d'oiro, nos crystaes, no linho,

De fome e frio morre alguém lá fóra,
E, num gesto de quem a mão estende,
Uma simples migalha vos implora...

VI

De que vos serve o rio da Opulencia
Si nelle só bebeis num triste egoismo,
Afogando tambem a consciencia
Para não ver o temeroso abysmo?

E' que temeis turbar a refulgencia
Do vosso Goso com o paroxismo
Das trevosas penurias da indigencia,
Cheias de pavoroso magnetismo...

Vamos! Enchei as vossas aureas taças
Do phalerno mais raro e capitoso
E escarnecei de todas as desgraças...

Mas, ah! lembrae-vos de que o meigo Christo,
O ineffavel Rabbi, o caridoso
E divino Jesus, jámais fez isto...

VII

Jámais fez isto, sim! O Nazareno
Pregava o Amôr, o Bem, a Caridade,
—O gesto meigo e calmo, o olhar sereno,
—A voz ungida de ideal piedade...

Os miseraveis nús ao seu aceno
Acudiam, confiando na bondade
Do seu olhar, mavioso como um threno,
Que vestia de luz toda a humildade.

—Amae-vos uns aos outros!—foi o thema
Que o bom Jesus tomou para esse poema
Escripto a sangue e lagrimas na terra...

E foi por todos nós (Christãos, de joelhos!)
Que elle morreu, legando os Evangelhos,
No cimo nú de uma escarpada serra...

VIII

Dae, portanto, uma esmola ao pobre triste
Que deste Mundo só conhece a noite,
Sempre zurzido pelo frio açoite
Dos desesperos em que o Mal persiste...

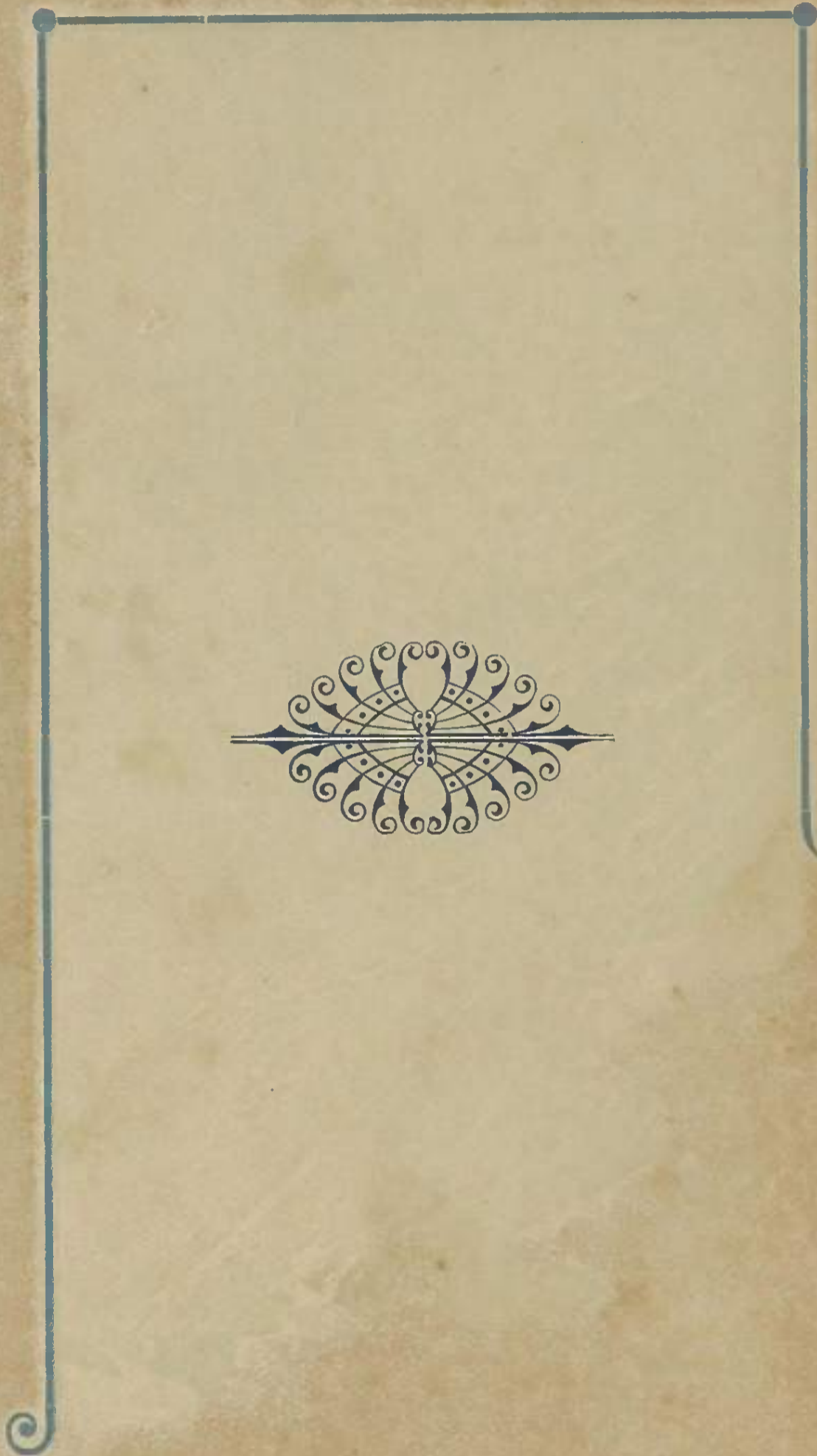
Dae-lhe pão! dae-lhe abrigo onde se acoite!
Para provar assim que um Deus existe...
Dae uma parca esmola ao pobre triste
Que deste mundo só conhece a noite!

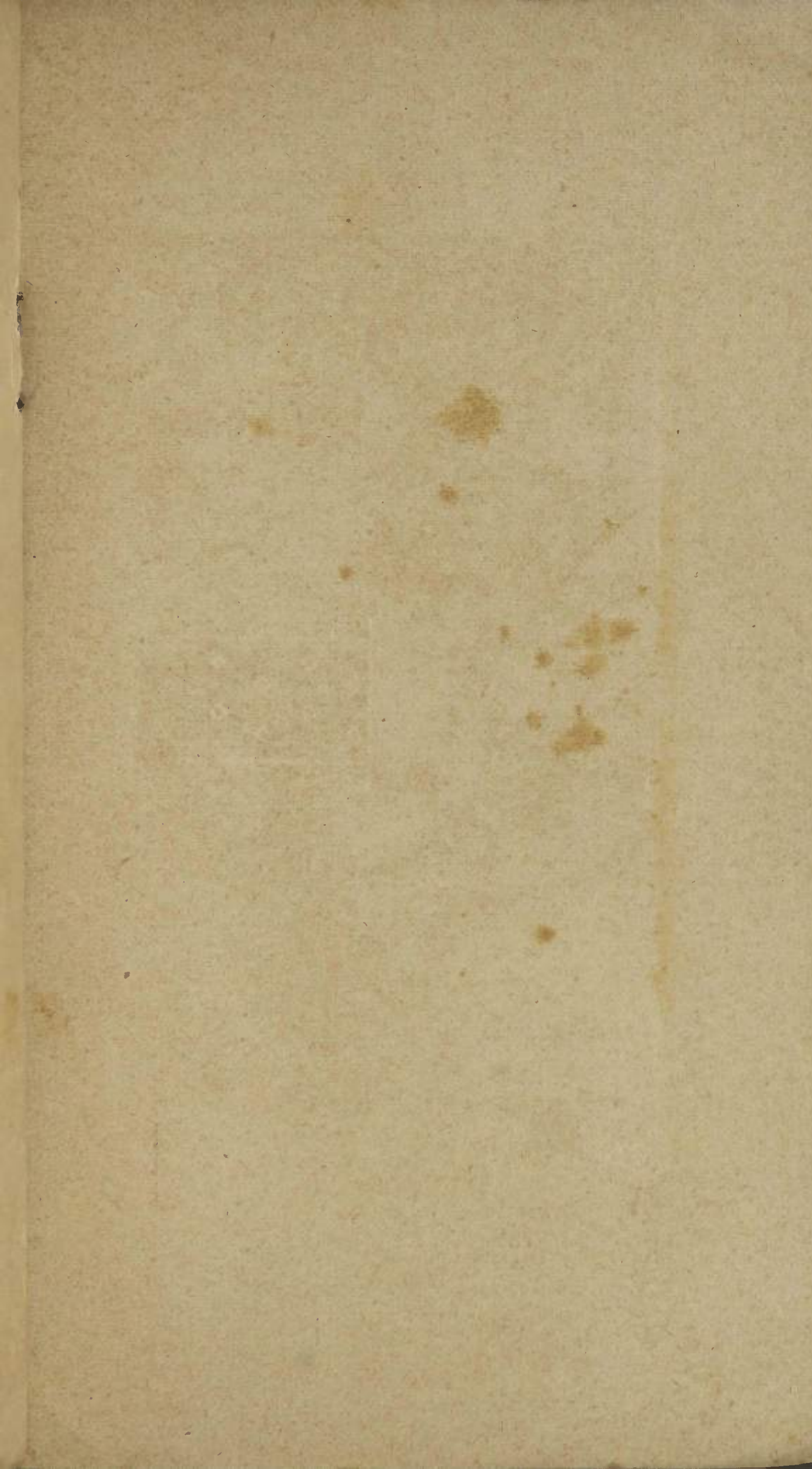
Uma brecha de luz rasgae na treva
Em que elle aguarda a Morte redemptora
Entre os ferreos grilhões da angustia séva...

A pobreza é um ergastulo medonho
Onde não entra o raio de uma aurora...
Entrae, portanto, como um bello sonho!



*Este poemeto foi escripto expressamente pelo
dr. Wenceslau de Queiroz para ser distribuido
pelos editores Andrade & Mello como offerta dos
mesmos á Sociedade Amiga dos Pobres e En-
carcerados por occasião de sua fundação.*





100
100

